

## Uma juventude ‘cinematográfica’

O fascínio de Ferro pelo cinema vinha-lhe da infância. Como todos os que se deixaram encantar pela sétima arte, tinha heróis, e o seu era Max Linder, o grande cómico francês dos tempos do cinema mudo. Ferro ia ao cinema levado pelo pai. Também ia a comícios republicanos, mas essa é outra história. Com ele aprendeu a frequentar o Music-Hall, na Avenida da Liberdade, inaugurado em Novembro de 1909 e propriedade do empresário teatral António Manuel dos Santos Júnior<sup>65</sup>, uma casa de espectáculos a preços mínimos, para as classes populares, e o Salão Chiado, no edifício dos Grandes Armazéns, aberto dois anos antes, propriedade de Raul Lopes Freire, com fitas para todos, canções e duetos nos intervalos<sup>66</sup>. O Music-Hall e o Salão Chiado foram os dois primeiros grandes cinemas de Lisboa.

Não admira por isso que, da primeira geração de modernistas portugueses, tenha sido Ferro quem, mais cedo que todos, reconheceu a “poética cinematográfica” (França, 1995: 36) e o seu estatuto como forma de arte, a sétima arte. Almada Negreiros, por exemplo, só muito tardiamente, em 1938, num texto sobre a Branca de Neve de Walt Disney, o faz, reconhecendo no cinema uma forma de arte, mas “apenas pelo que significa mais do que pelo que já representa”; Almada evoluíra, pois três anos antes, na sua revista *Sudoeste*, era renitente em admiti-lo, atribuindo esta categoria estética ao teatro, defendendo para o cinema o papel “de jornal do mundo – diário de todos” (apud França, 1995: 35).

Numa bela tarde de 1 de Junho de 1917, a pouco mais de um mês de completar 22 anos, António Ferro proferiu a sua primeira conferência, *As Grandes Trágicas do Silêncio*, no Salão Olympia, uma sala de espectáculos – incluindo teatro e cinema – elegante, pensada para a burguesia lisboeta, situada na Rua dos Condes, perto dos Restauradores e da Avenida da Liberdade, e inaugurada apenas seis anos antes. Ao Olympia acorriam multidões atraídas pelas novidades da cinematografia europeia, em especial a francesa e a dinamarquesa, às quintas, sábados e domingos, e também por uma programação inédita no panorama nacional, desde as *matineés* infantis, até aí um público ignorado, aos sorteios mensais realizados entre os espectadores; naquele dia de Junho de 1917, data que nos

---

65 Foi o introdutor do cinema – ou, como na altura se dizia, da “fotografia com vida” – em Portugal, uma vez que terá sido ele a contratar Edwin Rousby, de origem incerta, mas conhecido entre nós como o ‘electricista de Budapeste’, para trabalhar no Real Colyseu de Lisboa, em 1896, na rua da Palma, de que era proprietário, e que era então, sobretudo, um circo, isto é, um espaço destinado a receber companhias equestres e acrobáticas, ginastas e palhaços. No Verão de 1896, Lisboa foi, assim, a oitava cidade europeia a alcançar tal privilégio. O Music-Hall da Avenida transformou-se depois, a partir de 1914, no Eden Teatro (entrada “Music-Hall e Theatro das Variedades”, no blog *Restos de Coleção*: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2018/02/music-hall-e-theatro-das-variedades.html>)

66 A sala teria vida curta, encerrando um ano depois; o seu proprietário abriu então, no Palácio Foz, o Salão Central.

interessa particularmente, o brinde sorteado foi um burro, de carne e osso! Melhor sítio para a sua estreia pública dificilmente teria sido encontrado por Ferro...

A conferência foi pioneira em Portugal. José-Augusto França entende-a como “o primeiro texto de interpretação crítica e mitológica do cinema que em Portugal se produziu e foi publicado” (1997: 22). Ferro dividiu-a em três partes: *Elogio da Frase*, *Elogio do Animatógrafo* e *Elogio das Princesas do Cinema*. Começo pelo fim: as “princesas”, as “grandes trágicas” que davam o mote a esta conferência. Quem eram elas? Tratava-se de três das maiores artistas italianas do cinema mudo, que encarnavam os estereótipos principais da sétima arte: Francesca Bertini, a romântica, Pina Menichelli, a *vamp*, e Lyda Borelli, a divina, a quem Ferro dedica páginas de uma prosa muito ao seu estilo, metafórica e excessiva: “Francesca Bertini é magra, de uma magreza que o sofrimento afilou... Os seus olhos tranquilos, grandes e rasgados, são dois altos mirantes onde a sua alma, às tardes sossegadas, vem contemplar o mar irrequieto das suas mãos”; ou: “Pina tem uma beleza que grita, uma beleza de escândalo. É bela como uma labareda, venenosa como uma flor exótica... O seu corpo lembra uma orgia pagã...”; ainda: “O corpo religiosamente histórico de Lyda Borelli é uma Sexta-feira de Paixão, uma Sexta-feira de Paixão profanada...” (Ferro, 1917: 31, 36 e 42).

Se bem nos recordamos, em 1920 Ferro viajou até Itália, para entrevistar D’Annunzio, e queria muito aproveitar a viagem para tentar conhecer pessoalmente as três actrizes – de balde: “Quis conhecê-las. Corri atrás delas, persegui-as, em *films* movimentados, só consegui encontrá-las no outro mundo – o outro mundo do écran...”<sup>67</sup>. Desta experiência dá conta na edição<sup>68</sup> do texto publicado em Abril de 1921, na *Ilustração Portuguesa*, artigo sustentado sobretudo em informações recolhidas junto de um jornalista seu conhecido. Com alguma mágoa, não escondia a perda das ilusões românticas que tinha nutrido pelas divas italianas, chegando à (triste) conclusão de que não existiam:

Bertini, na vida, é muda como no cinema, mal sabe escrever o seu nome, é menos bela do que no écran [...]. Não existe, portanto: é uma projecção. [...] Pina, segundo informações, é mais inteligente do que Bertini, sabe falar francês, tem a mais bela colecção de ligas que há no mundo, mas como a sua perversidade é meramente fotográfica, não existe também... Resta Borelli, a mais intelectual das três, a mais respeitada pelos italianos. Borelli é uma grande atriz que, acidentalmente, se dedicou ao cinema. Já não trabalha. Casou, arruinou-se, voltou a ser rica, arruinou-se outra vez...<sup>69</sup>.

---

67 Ferro, António – As Grandes Trágicas do Silêncio. *Ilustração Portuguesa*, nº 792, 23.4.1921, p. 260-262.

68 O texto original da conferência teve uma primeira publicação, logo em 1917, em edição de autor, e uma segunda, actualizada, em 1922, com uma bela capa modernista de Bernardo Marques. Antes de circular em edição autónoma, o texto foi ainda publicado na revista *Cine*, em que colaborou mais tarde o próprio Ferro.

69 Ferro, António – As Grandes Trágicas do Silêncio. *Ilustração Portuguesa*, nº 792, 23.4.1921, p. 260-262.



absoluto do artificial, “a verdadeira Arte, porque difere absolutamente da Vida” (Ferro, 1917: 27). Defendia assim, de forma convicta, o poder onírico e ilusionista do cinema, “mitiga[ndo] um pouco a sede àqueles que apenas podem viajar no mundo do seu espírito”, criando mesmo a sensação de imortalidade, pois “a própria morte passa a ser desmentida pelo animatógrafo” (Ferro, 1917: 22 e 23). Destacava ainda o seu valor civilizacional, enquanto espaço de formação do gosto público, que permitiria “apurar notavelmente o sentido estético” e ser “uma escola de bom gosto” (Ferro, 1917: 19).

Em suma, e seguindo a proposta de Luís Reis Torgal, terá sido este fascínio pelo cinema a justificar o seu entusiasmo com D’Annunzio e Mussolini e as suas propostas políticas de tipo fascista, que “constituíam afinal ‘grandes filmes’ dotados de uma estética própria e original” (2001b: 165) ...?

Em 1927, então com pouco mais de 30 anos, mas já reputado jornalista, Ferro partia numa viagem de dois meses aos Estados Unidos da América (EUA), ao serviço do *Diário de Notícias*, com o objectivo de desvendar a vida da comunidade portuguesa no país. Desta incumbência resultaram, não apenas as reportagens publicadas no jornal, mas também a obra *Novo Mundo, Mundo Novo*, publicada em 1930. Nas suas cerca de 280 páginas, que Ferro escreveu como se fossem um diário, o leitor é convidado a partilhar episódios da sua aventura neste novo mundo. Tendo embarcado a 27 de Março em Cherburgo, no luxuoso transatlântico Leviathan, a primeira paragem foi em Nova York, onde permaneceu alguns dias. Deslumbrou-se com os arranha-céus e a dimensão da cidade, impressionou-se com a azáfama das ruas, o intenso trânsito automóvel, visitou os bairros mais pitorescos, incluindo o Harlem e os seus clubes nocturnos, escutou jazz, e assistiu ao triunfo de Lindbergh, no seu regresso após ter efectuado o primeiro voo solitário transatlântico sem escalas, entre Saint-Louis e Paris. Mas fixou-se igualmente nos aspectos quotidianos e tocantes que (re) conferiam dimensão humana à metrópole: um pequeno cemitério escondido entre a altura dos edifícios do centro da cidade, uma banda do Exército de Salvação tocando numa esquina<sup>71</sup>. Ferro espantou-se, admirou-se e surpreendeu-se com o país que encontrou, isso é certo.

Na segunda parte, intitulada “Portugal na América”, o livro reúne um conjunto de textos sobre a vivência dos portugueses nos EUA, esses portugueses que justificaram a sua viagem até ao outro lado do Atlântico: os que trabalhavam “nas fábricas e na pesca de New Bedford, [ou] nos vastos campos agrícolas da Califórnia”<sup>72</sup>. De Nova York, partiu para outras paragens, viajando de comboio, de uma ponta a outra do país: New Bedford, cidade que já então possuía uma significativa população

---

71 Dias, Eduardo Mayone, s/d – *António Ferro e o seu novo mundo*: [http://www.fundacaoantonioquadros.pt/index2.php?option=com\\_content&do\\_pdf=1&id=62](http://www.fundacaoantonioquadros.pt/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=62).

72 Freitas, Vamberto, 2016 – *António Ferro entre os nossos imigrantes na América do Norte*: <https://vambertofreitas.wordpress.com/2016/04/15/antonio-ferro-entre-os-nossos-imigrantes-na-america-do-norte/>.

de imigrantes portugueses, e Washington, onde se encontrou com o embaixador português, mas também com o presidente Coolidge, que definiu como um “político simples mas firme e inteligente que dirige a nação como dirigira antes o seu estado natal de Massachusetts”<sup>73</sup>, e que nos lembra, quase integralmente, a descrição que fará, dois anos depois, do próprio Presidente do Conselho português. Em Chicago, admirou-se com as grandes fábricas. Depois a Califórnia, que lhe recordou o Minho, com o seu verde e as suas árvores de fruto, onde foi recebido pelo cônsul de Portugal em San Francisco, mas também pelos abastados emigrantes portugueses:

Todos vivem bem. Todos têm o seu ‘rancho’, o seu bungalow, o seu automóvel. Há uma escala de fortuna que vai de dez mil dólares (poucos estão no princípio da escala...) até dois milhões de dólares. Não há grandes fortunas mas também não há miséria. O bem estar é geral. Ninguém precisa do seu vizinho para comer o pão de cada dia...<sup>74</sup>

Na viagem para St. Louis, muito ao estilo americano, travou conhecimento com um homem de aspecto de apagado caixeiro-viajante, mas que se revelou depois ser o filho do magnata Cornelius Vanderbilt! A sua última semana foi passada na Nova Inglaterra, onde existiam comunidades portuguesas de maior densidade do que as da Califórnia, e delas distinguíveis pelo seu cunho urbano e industrial. Aí contactou e entrevistou alguns dirigentes comunitários e foi alvo da mesma hospitalidade de que tinha gozado na costa do Pacífico.

São estas deambulações, e as impressões que recolheu da comunidade portuguesa emigrada, que vai partilhando com os leitores. O quadro que pinta é, talvez, demasiado cor-de-rosa, comprometido com os seus informantes e certamente divergente da realidade. O próprio Ferro o afirmou: “Não é uma viagem, é um filme. Não farei crónicas, farei a rápida projecção das actualidades da América” (apud Rodrigues, 1995: 121). É, portanto, um olhar superficial, que resultava de um périplo que obedeceu a um programa estabelecido, com encontros devidamente planeados, passando por sítios ‘pacíficos’, sem admitir desvios que o poriam, eventualmente, em contacto com realidades e quotidianos menos idílicos, de uma comunidade portuguesa de que só conheceu os casos de sucesso, de integração bem sucedida. Apesar de tudo, a ele cabe a distinção de ter sido o primeiro autor que em Portugal escreveu, em primeira mão, sobre esta emigração.

---

73 Dias, Eduardo Mayone, s/d – *António Ferro e o seu novo mundo*: [http://www.fundacaoantonioquadros.pt/index2.php?option=com\\_content&do\\_pdf=1&id=62](http://www.fundacaoantonioquadros.pt/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=62).

74 Dias, Eduardo Mayone, s/d – *António Ferro e o seu novo mundo*: [http://www.fundacaoantonioquadros.pt/index2.php?option=com\\_content&do\\_pdf=1&id=62](http://www.fundacaoantonioquadros.pt/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=62).

As suas impressões da estadia de duas semanas em Los Angeles foram registadas neste *Novo Mundo, Mundo Novo* e na obra seguinte, *Hollywood, Capital das Imagens*, publicada em 1931. A cidade foi outra revelação para Ferro: a luminosidade, a abundância de flores, a arquitectura muito própria, como o restaurante Brown Derby, construído em forma de chapéu de coco.

Neste segundo livro, as 230 páginas são preenchidas com Hollywood e o cinema. O jornalista ficou hospedado no Ambassador Hotel, participou em festas organizadas no requintado clube Coconut Grove e descobriu portugueses a trabalhar na meca do cinema: além dos famosos irmãos D'Algy, Helena e Tony<sup>75</sup>, que todavia não chegou a conhecer pessoalmente, a luso-descendente Luísa Fazenda, muito popular na altura, sobre quem escreveu na *Cine*, o açoriano Albano Valério, este sem o sucesso dos seus congéneres, sobrevivendo como actor em papéis secundários, e que lhe serviu de guia, e a jovem Teresa de Carmo, actriz de teatro, na Glendale Play House (Augusto, 2021).

A visita a Hollywood permitiu-lhe contactar de perto com a máquina cinematográfica americana, tendo entrevistado actores como Douglas Fairbanks, Mary Pickford e Charles Chaplin, isto é, o quadro fundador da United Artists e, claro, Walt Disney. Compreende a natureza quimérica, mistificadora da vida de Hollywood, “grande fábrica da Ilusão” (Ferro, 1931: 97). O poder da imagem revela-se-lhe:

Em Hollywood, tudo quanto é doloroso, tudo quanto é sofrimento, pertence à *mise-en-scène*: os desgostos, a miséria, as dores morais, a dor física, a morte. [...] A ilusão do cinema é mais cruel do que a ilusão do teatro, porque é mais hábil, mais perfeita [...]. O cinema, que faz tudo pela calada, ludibria-nos completamente [...]: produzem-se ruas, cidades, paisagens, civilizações, com a mesma facilidade com que Ford produz automóveis (Ferro, 1931: 30; 96-97).

É ainda nas páginas de *Hollywood, Capital das Imagens* que se podem novamente descortinar os princípios teórico-estéticos de Ferro, já referidos. Defendendo o cinema como o fim para o qual deve tender a vida moderna, a visita a Hollywood provou-lhe que o cinema não documenta, mas antecipa o real. Melhor – transfigura: a Meca do cinema aparece-lhe como “uma obra da imaginação [...], o romance mais extraordinário da nossa época” (Ferro, 1931: 30), o lugar onde a transfiguração é possível, o lugar-transfiguração por excelência.

---

75 Tratava-se dos nomes artísticos de António Eduardo Lozano Guedes Infante e Maria Antónia Lozano Guedes Infante, que se podem considerar os primeiros actores portugueses com uma carreira cinematográfica internacional, tendo assinado contrato com os maiores estúdios de Hollywood (Fox, Metro, Warner Bros., Paramount), colaborado com os melhores realizadores e contracenado com estrelas como Rudolph Valentino e Joan Crawford, no período do cinema mudo. Como outros, a sua carreira americana terminou com a mudança trazido pelo sonoro.

A viagem a Hollywood trouxe uma certeza a Ferro: a do poder do cinema como veículo de propaganda de um país. Reafirmando o seu programa civilizador de Portugal, movido por estas sensações e impressões ‘hollywoodescas’, defende que o nosso país reunia as condições necessárias para se tornar numa “segunda edição de Hollywood [...], a Califórnia do velho mundo”, uma vez que possuía “as mesmas condições de luz, o mesmo clima temperado, a mesma abundância de cenários naturais” (Ferro, 1931: 122).

E se assim o pensou, melhor o fez. Logo no regresso, em 1928, Ferro escreveu na recentemente criada *Cine*, revista mensal dedicada ao cinema, nascida em Lisboa em Junho desse ano, dirigida por Paulo Frazão e editada por Alberto Calderon Dinis, e que terá vida breve, apenas quatro números, terminando em Janeiro de 1930. Foi no penúltimo, de Dezembro de 1928, que se publicou a única contribuição de Ferro, uma reportagem sobre a “nossa estrela do céu constelado de Hollywood, uma estrela portuguesa na bandeira americana”<sup>76</sup>. Tratava-se de Luísa Fazenda, que tinha conhecido na sua viagem do ano anterior e que aqui enaltece. Ferro terá colaborado ainda, se bem que de forma breve e esporádica, com a *Girassol*, dirigida pelo multifacetado Erico Braga – que foi actor, cineasta, dramaturgo, jornalista, encenador, roteirista – e que deu à estampa 26 números entre 1930 e 1931. Subintitulada *Semanário de Todos os Espectáculos*, contava entre os seus colaboradores com modernistas, como Carlos Queirós, Augusto Ferreira Gomes, Olavo d’Eça Leal ou a própria mulher de Ferro, Fernanda de Castro, e com artistas ligados ao cinema, como Leitão de Barros e Lopes Ribeiro.

Enfim, em 1932, passou a fazer parte do Conselho de Produção da novíssima Tobis. Que consequências advieram desta ligação ao meio cinematográfico nacional? Espreitemos as próximas páginas.

---

76 Ferro, António – Uma estrela portuguesa na América, Luísa Fazenda. *Cine: revista mensal de arte cinematográfica*, nº7, 12. 1928, p. 31-32.